

**REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE: UMA LEITURA DE
ANNA IN-BETWEEN, DE ELIZABETH NUNEZ**

Maria Cláudia Simões¹

RESUMO: Este artigo objetiva discutir a identidade no romance *Anna in-between*, da escritora trinitária-americana Elizabeth Nunez, analisando como a dominação colonial, a diáspora, e o hibridismo podem desempenhar um importante papel no processo de construção da identidade. O romance oferece ainda um relevante terreno de discussão sobre o habitar uma sociedade diferente e seus possíveis efeitos nos relacionamentos familiares.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Dominação colonial. Diáspora. Relacionamentos familiares.

ABSTRACT: This article aims at discussing identity in the novel *Anna in-between*, by Trinidad-American writer Elizabeth Nunez, analyzing how colonial rule, diaspora, and hybridity may play an important role in the process of the construction of identity. The novel offers a relevant terrain of discussion about dwelling in a different society and its possible effects in family relationships.

KEY-WORDS: Identity. Colonial rule. Diaspora. Family relationships.

¹ Doutoranda em Ciência da Literatura do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O teórico Stuart Hall argumenta que a “migração tem sido um tema constante na narrativa caribenha”. (HALL, 2009, p. 25) Nesse processo, a identidade é um importante componente que fomenta significativas discussões. Refletindo sobre a diáspora caribenha em particular, Stuart Hall observa: “Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas. Junto com os elos que as ligam a uma ilha de origem específica, há outras forças centrípetas: há a qualidade de ‘ser caribenho’ (...) que eles compartilham com outros migrantes do Caribe.” (HALL, 2009, p. 26-27) Nesse sentido, obras literárias de expressão inglesa de autores de origem caribenha podem ilustrar a experiência de habitar o entre-lugar, este espaço de tradução e negociação, como argumentado por Homi Bhabha. O teórico afirma que os discursos e sistemas culturais são construídos em um contraditório e ambivalente espaço de enunciação, o Terceiro Espaço de enunciação. (BHABHA, 1994, p. 37) Bhabha acrescenta:

É significativo que as capacidades produtivas deste Terceiro Espaço possuam uma proveniência colonial ou pós-colonial. Por isso uma disposição de descer para esse território estrangeiro (...) pode revelar que o reconhecimento teórico do espaço-cisão da enunciação pode abrir o caminho à conceitualização de uma cultura *internacional*, baseada não no exotismo do multiculturalismo ou na *diversidade* de culturas, mas na inscrição e articulação do *hibridismo* da cultura. Para esse fim, deveríamos lembrar que é o “inter” – o fio cortante da tradução e da negociação, o *entre-lugar* – que carrega o fardo do significado da cultura. Ele torna possível que se comece a vislumbrar as histórias nacionais, antinacionais, do “povo”. E, ao explorar este Terceiro Espaço, nós podemos evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nós mesmos.² (BHABHA, 1994, p. 38. Itálico no original. Tradução minha.)

É importante o reconhecimento das culturas neste Terceiro Espaço de enunciação, espaço este que pode proporcionar visibilidade a sujeitos híbridos. Nesse sentido, textos de

² Texto original: “It is significant that the productive capacities of this Third Space have a colonial or postcolonial provenance. For a willingness to descend into that alien territory (...) may reveal that the theoretical recognition of the split-space of enunciation may open the way to conceptualizing an *international* culture, based not on the exoticism of multiculturalism or the *diversity* of cultures, but on the inscription and articulation of culture’s *hybridity*. To that end we should remember that it is the ‘inter’ – the cutting edge of translation and negotiation, the *in-between* space – that carries the burden of the meaning of culture. It makes it possible to begin envisaging national, anti-nationalist histories of the ‘people’. And by exploring this Third Space, we may elude the politics of polarity and emerge as the others of our selves.” (BHABHA, 1994, p. 38. Italics in the original.)

escritores de origem caribenha podem ainda contribuir para o despontar de um valioso palco de reflexão e reconhecimento da multiplicidade da identidade, subvertendo o conceito de identidade como algo imutável. Stuart Hall acrescenta que “[a]s identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera.” (HALL, 2009, p. 43) Hall alerta que, “os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo.” (HALL, 2009, p. 43)

Desfrutando de uma ampla abrangência semântica, o termo diáspora apresenta relação com comunidades que tenham vivenciado dispersão e preservem memórias de sua terra natal. James Clifford afirma que as principais características da diáspora são “uma história de dispersão, mitos/memórias da terra natal, alienação no país anfitrião (anfitrião ruim?), desejo por um retorno final, apoio contínuo da terra natal, e uma identidade coletiva importantemente definida por este relacionamento.”³ (CLIFFORD, 1997, p. 247. Tradução minha.)

Nesse rico cenário que desabrocha, obras literárias podem proporcionar um recorte da diáspora contemporânea caribenha, contribuindo para o reconhecimento da reestruturação da sociedade de destino. Além disso, tais obras podem ainda oferecer uma relevante oportunidade de reflexão sobre os efeitos da dominação colonial nesses povos historicamente subjugados.

Este artigo objetiva discutir a identidade no romance *Anna in-between*, da escritora trinitário-americana Elizabeth Nunez, analisando como a dominação colonial, a diáspora, e o hibridismo podem desempenhar um importante papel no processo de construção da identidade. O romance oferece ainda um importante terreno de discussão sobre o habitar uma sociedade diferente e seus possíveis efeitos nos relacionamentos familiares.

A autora Elizabeth Nunez, imigrante nos Estados Unidos para onde se mudou após concluir o ensino médio em Trinidad [República de Trinidad e Tobago], recebeu o título de Doutora em Língua Inglesa pela Universidade de Nova York. A premiada obra da escritora inclui, entre outros, *Prospero's Daughter* (2010), *Bruised Hibiscus* (2000), e *Beyond the Limbo Silence* (1998).

O romance *Anna In-between* apresenta Anna Sinclair, uma mulher afrodescendente de quase quarenta anos nascida no Caribe, que retorna à sua terra natal durante as férias de seu emprego em Nova York. Nos Estados Unidos, Anna trabalha em uma editora que publica obras

³ Texto original: “a history of dispersal, myths/memories of the homeland, alienation in the host (bad host?) country, desire for eventual return, ongoing support of the homeland, and a collective identity importantly defined by this relationship.” (CLIFFORD, 1997, p. 247)

de novatos escritores afrodescendentes. O nome do país onde o romance é ambientado não figura na obra. Contudo, é possível inferir que tal nação seja a República de Trinidad e Tobago, uma vez que a questão da exploração estrangeira de petróleo na área e as observações em relação a eventos históricos levam o leitor a considerar que a terra natal da protagonista não seja outra senão a República de Trinidad e Tobago.

Embora a protagonista e seus pais tenham vivido com os privilégios decorrentes de pertencerem à classe média alta do local, a família enfrentou situações nas quais lidavam com sua condição de cidadãos de segunda classe em seu próprio solo materno. Uma ilustração desta posição pode ser observada no incidente ocorrido quando Anna, ainda criança, sofre preconceito ao ir sozinha ao clube do condomínio no qual ela e seus pais moravam: “Murmurs rose from the chairs nearby. *The new colored family*. When Anna emerged from the changing room, the pool was empty. Not a single child, not a single adult, remained in the water. That night, they drained the pool and refilled it with fresh water.”⁴ (NUNEZ, 2009, p. 99. *Italics in the original*.) Os efeitos da dominação colonial podem ser percebidos no posicionamento dos cidadãos às margens da sociedade de seu país de origem. Nesse processo, instituições pertencentes a grupos provenientes de grandes centros hegemônicos desempenham um significativo papel.

Em outro episódio de sua infância, Anna passa por uma situação vexatória semelhante. O preconceito desferido pelas famílias de origem inglesa atingia implacavelmente a menina. Novamente, a garota é humilhada em sua própria terra natal. Após seu pai ser contratado pela companhia estrangeira e a família passar a desfrutar de alguns privilégios econômicos, Anna teve que mudar de escola, apesar de seus protestos. Um veículo da empresa buscava as crianças em suas casas a fim de levá-las à escola particular dirigida por freiras de origem europeia. Logo na primeira semana, era visível a conflituosa convivência que despontava: “There were twelve children in the van on the first day, ten on the second, four on the third, only a thin boy, short for his age, and Anna on the fourth.”⁵ (NUNEZ, 2009, p. 99)

Na tentativa de oferecer uma possível solução para o problema que se acentuava, o chefe de John Sinclair, pai de Anna, propõe que a menina volte a estudar em sua antiga escola. Todavia, o patrão não admite que o impasse tenha sido causado pelo preconceito, e procura transmitir a ideia de que a situação envolve uma simples questão de retorno à antiga escola e se coloca na posição de um pai preocupado com a filha: “My daughter would be furious if I took

⁴ “O burburinho aumentou nas cadeiras próximas. *A nova família de cor*. Quando Anna surgiu do vestiário, a piscina estava vazia. Nem uma única criança nem um único adulto permaneceu na água. Naquela noite, eles dragaram a piscina e encheram-na com água fresca.” (NUNEZ, 2009, p. 99. *Itálico no original*. Tradução minha.)

⁵ “Havia doze crianças na van no primeiro dia, dez no segundo, quatro no terceiro, somente um menino magro, pequeno para sua idade, e Anna no quarto [dia].” (NUNEZ, 2009, p. 99. Tradução minha.)

her out of her school,' he said.”⁶ (NUNEZ, 2009, p. 99) Aplicou-se uma complexa solução. A fim de que Anna retornasse à antiga escola, um veículo da empresa apanhava a menina em sua casa todos os dias e a levava ao aeroporto, onde um pequeno avião a levava à sua cidade e de onde um outro veículo a conduzia ao colégio. No fim do dia, o veículo retornava. Somado a uma agenda restrita, o fato de Anna usufruir de privilégios financeiros contribuía para que a jovem se distanciasse de seus colegas da escola:

There was no time for friends. And even when there was a possibility of time – say, the hours classes broke for lunch – her classmates could not understand how a local girl came to be treated as an English girl, or a French Creole. They were suspicious. *Roast breadfruit*, they called her. Black on the outside and white on the inside.⁷ (NUNEZ, 2009, p. 100. Italics in the original.)

A dificuldade de Anna em estabelecer amizade com os outros estudantes contribui para o processo de construção de sua identidade. As atitudes de seus colegas frente ao tratamento diferenciado que Anna recebe acabam por tornar a jovem marginal dentro de sua própria comunidade. Durante sua visita, quando adulta, além de rememorar momentos delicados de sua infância em solo materno, Anna relembra situações complexas que ela vivencia no país de destino. Devido ao seu gosto tradicionalmente considerado como refinado, Anna Sinclair ouve acusações de seus amigos da sociedade anfitriã. É motivo de críticas o fato de Anna apreciar música clássica, ouvindo Bach, Beethoven, Mozart, entre outros, e ser apaixonada por óperas, ao mesmo tempo em que a jovem não escuta *reggae* nem calipso. Seus amigos dos Estados Unidos parecem interpretar as ações de Anna como uma renúncia a suas origens: “There are African Americans who accuse her of self-hatred, who say she is Eurocentric. Their only evidence is her manner of speaking, her taste in music and literature.”⁸ (NUNEZ, 2009, p. 70)

Os amigos de Anna desferem contra ela um pré-conceito similar ao desferido contra sujeitos marginalizados. Além disso, os seus amigos demonstram não possuir a consciência de que o indivíduo pode ser constituído por grupos diversos, sendo marcado de diferentes formas.

⁶ “‘Minha filha ficaria furiosa se eu a tirasse de sua escola,’ ele disse.” (NUNEZ, 2009, p. 99. Tradução minha.)

⁷ “Não havia tempo para os amigos. E mesmo quando havia uma possibilidade de tempo – isto é, os intervalos das aulas para o almoço – os colegas de classe não conseguiam entender como uma menina do local chegava a ser tratada como uma menina inglesa, ou uma *creole* francesa. Eles estavam desconfiados. *Fruta-pão assada*, eles a chamavam. Negra por fora e branca por dentro.” (NUNEZ, 2009, p. 100. Itálico no original. Tradução minha.)

⁸ “Há afro-americanos que a acusam de auto-ódio, que dizem que ela é eurocêntrica. A única evidência deles é a maneira de ela falar, seu gosto na música e na literatura.” (NUNEZ, 2009, p. 70. Tradução minha.)

Anna admite a importância do ambiente e do espaço na vida do indivíduo: “Geography, Anna believes, is a big part of destiny.”⁹ (NUNEZ, 2009, p. 70) Anna, por sua vez, reconhece a presença de vários povos em suas características identitárias: “She [Anna] is all of these: African, Ameridian, Asian, European. She is Caribbean and not Caribbean, for she has lived many years in America. She is American and not American, for she has lived many years on her island.”¹⁰ (NUNEZ, 2009, p. 70) Anna observa que sua identidade está intrinsecamente associada aos povos que fazem parte de sua própria história e de seu país. As considerações de Anna ilustram o caráter múltiplo de sua identidade. Deve-se ressaltar, como Avtar Brah observa, que a identidade não é um construto singular, mas um construto multifacetado e de contexto específico (BRAH, 1996, p. 46). O contexto no qual o indivíduo está inserido desempenha um importante papel.

Stuart Hall destaca que “Todos nós estamos (...) *eticamente* localizados e nossas identidades étnicas são cruciais para o nosso senso subjetivo de quem somos nós.”¹¹ (HALL, 1997a, p. 227. *Itálico no original. Tradução minha.*) No romance de Elizabeth Nunez, a personagem Anna Sinclair, em seu processo de construção de seu ser, parece dar-se conta da multiplicidade de identidade que atinge o indivíduo no decorrer de sua vida. Stuart Hall alerta para o fato de que a identidade deve ser entendida como um processo, e não como algo já realizado. Hall salienta que “em vez de se pensar em identidade como um fato já realizado (...), nós devemos pensar, em vez disso, em identidade como uma ‘produção’, que nunca está completa, sempre em processo, e sempre constituída dentro, não fora, da representação.”¹² (HALL, 1997b, p. 110. *Tradução minha*) Como Stuart Hall observa:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Em vez disso, enquanto se multiplicam os sistemas de significado e representação cultural, nós somos confrontados por uma desconcertante e fugaz multiplicidade de identidades possíveis,

⁹ “A geografia, Anna acredita, é uma parte grande do destino.” (NUNEZ, 2009, p. 70. *Tradução minha.*)

¹⁰ “Ela [Anna] é todos estes: africana, ameríndia, asiática, europeia. Ela é caribenha e não caribenha, pois ela viveu muitos anos nos Estados Unidos. Ela é americana e não americana, pois ela viveu muitos anos em sua ilha.” (NUNEZ, 2009, p. 70. *Tradução minha.*)

¹¹ Texto original: “We are all (...) *ethnically* located and our ethnic identities are crucial to our subjective sense of who we are.” (HALL, 1997a, p. 227. *Italics in the original.*)

¹² Texto original: “instead of thinking of identity as an already accomplished fact (...), we should think, instead, of identity as a ‘production’, which is never complete, always in process, and always constituted within, not outside, representation.” (HALL, 1997b, p. 110)

qualquer uma com as quais poderíamos nos identificar – pelo menos, temporariamente.¹³ (HALL, 2005, p. 598. Tradução minha.)

A vida de Anna nos Estados Unidos também é marcada por um senso de não pertencimento ao ambiente que habita. Em sua estadia em seu país de origem, Anna lida com sua condição de sujeito diaspórico não somente em relação ao país de destino, mas também em relação à sua terra natal. A mãe de Anna, Beatrice Sinclair, considera que sua filha está mais conectada ao seu novo ambiente do que às suas raízes caribenhas: “‘She doesn’t like our food. Did you hear her last Sunday? She doesn’t like callaloo. It’s practically our national dish and she won’t eat callaloo.’ (...) ‘She’s become American, John [Anna’s father],’ her mother presses on. ‘She eats only American food.’”¹⁴ (NUNEZ, 2009, p. 197)

O fato de Anna habitar uma nova sociedade acaba por fomentar conflitos entre ela e sua mãe, afetando significativamente as relações familiares. Contudo, é relevante pontuar que os conflitos estabelecidos entre mãe e filha vão além de questões relacionadas ao hibridismo vivenciado por Anna. O tipo de relacionamento entre Beatrice Sinclair e seus empregados domésticos, Singh e Lydia, incomoda a moça, que se ressentida da maneira que a mãe os trata. Com uma postura superior similar à desferida contra sujeitos colonizados, Beatrice parece desempenhar o papel de um capataz:

Her [Anna’s] mother spoke to Lydia as if she were a headmistress, Lydia a schoolgirl; as if she were an overseer, a boss on a plantation. (...) How important she must feel to have two workers in her service whom she can control.

This is the legacy of colonial rule on the island, the manner of the colonizer toward the colonized mimicked now by the island’s middle class.

Even as she [Anna] thinks this, Anna knows she is being unfair. Her mother may consider Singh and Lydia her social inferiors but she does not question their humanity. If by chance one of them were to dive in a pool where she is swimming, she would not order the management

¹³ Texto original: “The fully unified, completed, secure, and coherent identity is a fantasy. Instead, as the systems of meaning and cultural representation multiply, we are confronted by a bewildering, fleeting multiplicity of possible identities, any one of which we could identify with – at least temporarily. (HALL, 2005, p. 598)

¹⁴ “Ela não gosta da nossa comida. Você a ouviu no domingo passado? Ela não gosta de callaloo. Ele é praticamente nosso prato nacional e ela não vai comer callaloo.’ (...) ‘Ela se tornou americana, John [o pai de Anna],’ a mãe continua pressionando. Ela come somente comida americana.” (NUNEZ, 2009, p. 197. Tradução minha.)

to drain the water. The English were famous for doing things like that on the island. In England they posted signs that read: *NO DOGS, NO COLORED*.¹⁵ (NUNEZ, 2009, p. 18. Italics in the original.)

Assimilando, de certa forma, atitudes das quais emana uma atmosfera de superioridade, Beatrice enxerga seus empregados com o mesmo olhar do colonizador. Ainda que Anna considere que sua mãe reconheça o caráter humano de Lydia e Singh, o fato é que Beatrice apresenta uma postura na qual paira o alegado dever de ensinar aos que são tradicional e preconceituosamente considerados inferiores. Beatrice queixa-se que ela tem fazer tudo em sua casa, quando, na realidade, dois empregados foram contratados para cuidarem do jardim e dos afazeres domésticos e culinários no interior da casa. (NUNEZ, 2009, p. 19)

Como um capataz ou um senhor de engenho, Beatrice vigia Singh e Lydia. Anna controla sua raiva ao ouvir as palavras da mãe e consegue declarar em um tom mais suave: “Lydia can do the cooking, Mummy. You don’t have to do it. And if you tell Singh what to do, you don’t have to stay in the garden.”¹⁶ (NUNEZ, 2009, p. 19) Contudo, Beatrice não é capaz de reconhecer a visão estereotipada e preconceituosa que ela lança contra seus próprios compatriotas: “‘You don’t understand,’ her mother says. (...) ‘In this country,’ her mother says slowly, measuring out each word, ‘you can’t just leave people to do what you tell them to. They have to be supervised.’”¹⁷ (NUNEZ, 2009, p. 19) Assim como os povos colonizadores que tomavam para si a responsabilidade e o dever de orientar os grupos tradicionalmente considerados subalternos, Beatrice coloca-se em uma missão semelhante. Apesar de Anna acreditar que sua mãe reconheça a humanidade em seus empregados, é inegável a atmosfera presente em que paira a aproximação desses indivíduos a um nível de limitada capacidade intelectual. Desta forma, parece emergir a imagem semelhante à criada pelo colonizador em relação ao colonizado.

¹⁵ “A mãe dela [de Anna] falava com Lydia como se ela fosse uma diretora de colégio, e Lydia, uma aluna; como se ela fosse um capataz, um chefe de uma plantação. (...) quão importante ela devia se sentir tendo dois trabalhadores a seu serviço, que ela podia controlar. Este é o legado do poder colonial na ilha, a maneira do colonizador em relação ao colonizado imitada agora pela classe média da ilha. Mesmo quando ela [Anna] pensa isto, Anna sabe que ela está sendo injusta. Sua mãe pode considerar Singh e Lydia seus inferiores sociais, mas ela não questiona a humanidade deles. Se, por acaso, um deles mergulhasse em uma piscina em que ela estivesse nadando, ela não mandaria a gerência drenar a água. Os ingleses eram famosos por fazerem coisas como essa na ilha. Na Inglaterra, eles colocavam cartazes que diziam: *PROIBIDO CÃES. PROIBIDO PESSOA DE COR*.” (NUNEZ, 2009, p. 18. Itálico no original. Tradução minha.)

¹⁶ “Lydia pode cozinhar, mamãe. Você não tem que fazer isso. E se você disser ao Singh como fazer, você não tem que ficar no jardim.” (NUNEZ, 2009, p. 19. Tradução minha.)

¹⁷ “‘Você não entende, sua mãe diz.’ (...) ‘Neste país,’ sua mãe diz lentamente, medindo cada palavra, ‘você não pode simplesmente deixar as pessoas fazerem o que você diz a elas. Elas têm que ser supervisionadas.’” (NUNEZ, 2009, p. 19. Tradução minha.)

Vale a pena sinalizar que o não retorno definitivo de Anna, quando já graduada, foi em decorrência, em última análise, do preconceito desferido em sua própria terra natal. Anna não conseguiu emprego na área que queria como resultado de uma política patriarcal e hegemônica. Ao ser questionada por Singh por não ter permanecido em seu país de origem, Anna argumenta: “‘It was a man’s world when I came back,” Anna says now. ‘Except for white women. They were given the status of honorary men.’”¹⁸ (NUNEZ, 2009, p. 166) Anna desabafa:

“I just wanted to teach,” she says. “I didn’t care what level. I had a master’s degree, but I couldn’t find a teaching job anywhere in the city. Yet there were teaching positions for white women, English women, Canadian women, foreign women. I guess black women were not considered bright enough, smart enough.”¹⁹ (NUNEZ, 2009, p. 166-167)

Como ilustrado em *Anna in-between*, um retorno definitivo ao solo materno pode depender não apenas da vontade do indivíduo deslocado. O país de origem pode desempenhar também um relevante papel nesse processo, oferecendo ou não condições para essa volta. No caso de Anna, a jovem não encontrou condições de exercer a profissão desejada. Assim como Singh e Lydia, Anna novamente foi tratada como cidadã de segunda classe em sua própria terra natal.

No romance de Elizabeth Nunez, além das questões envolvendo o tratamento de Beatrice para com seus empregados, o fato de Anna ter deixado de residir em sua terra natal apresenta-se como um inflamador dos entendimentos entre mãe e filha. Em diversos momentos, Beatrice, em tom acusador, lembra à sua filha de que ela não desfruta mais de sua posição ou de seu conhecimento de outrora, uma vez que a moça passou a habitar uma nova sociedade. Na continuação da cena sobre os empregados Singh e Lydia, pode-se perceber também o conflito entre mãe e filha em relação à situação de Anna como sujeito diaspórico.

Quando Anna diz à Beatrice que a mãe está errada quanto sua postura em relação aos seus empregados, Beatrice parece utilizar a imigração da filha contra ela: “‘You don’t live

¹⁸ “‘Era um mundo de homem quando eu voltei,’ Anna agora diz. ‘Exceto para as mulheres brancas. Elas recebiam o *status* de homem honorário.’” (NUNEZ, 2009, p. 166. Tradução minha.)

¹⁹ “‘Eu apenas queria ensinar,’ ela diz. ‘Eu não me importava para que nível. Eu tinha mestrado, mas eu não conseguia encontrar emprego como professora em lugar algum da cidade. Contudo, havia empregos de ensino para mulheres brancas, mulheres inglesas, mulheres canadenses, mulheres estrangeiras. Eu acho que as mulheres negras não eram consideradas inteligentes o suficiente, espertas o suficiente.’” (NUNEZ, 2009, p. 166-167. Tradução minha.)

here,” her mother responds. “You don’t know.”²⁰ (NUNEZ, 2009, p. 20) Ao ouvir as palavras de sua mãe, Anna sente-se ferida, relevando a tensão estabelecida entre duas: “Her mother’s words sting her to the core. She may not live here, but her roots are here. She was born here; she spent the first eighteen years of her life here; this is her country too. She wants to say all this, but her mother does not look well.”²¹ (NUNEZ, 2009, p. 20) Como sua mãe está doente, Anna controla-se a fim de não iniciar um confronto mais profundo com sua mãe. Entretanto, parece existir um tênue limite entre as duas no que se refere a essa questão.

No que concerne o distanciamento que pode ser estabelecido entre os membros de uma mesma família em decorrência da vida fora de seu solo natal, Anna reflete sobre as mães imigrantes que ela vê em Nova York. Marcadas por suas origens em outras terras, essas mães veem-se obrigadas a lidar com a distância que pode ser construída entre os pais e sua prole, ainda que habitem o mesmo espaço geográfico. Em Nova York, Anna pôde perceber o atordoamento nos olhos dessas mães:

(...) Anna has looked into the eyes of immigrant mothers of American children and seen incomprehension there. (...) Flesh of their flesh, yet a chasm yawns between these mothers and their children. Born in America, the children belong to America. The hearts and souls of their mothers were forged in other lands.²² (NUNEZ, 2009, p. 242)

Por mais próximos que os relacionamentos familiares possam ser construídos, essas relações já podem nascer com uma lacuna entre os membros de uma família marcada pela imigração. Assim como Anna, as crianças que ela observa em Nova York, ainda que inconscientemente, já apresentam um significativo elemento que fará parte de suas características identitárias.

Como este artigo procurou discutir, o romance *Anna in-between*, da escritora trinitário-americana Elizabeth Nunez, oferece um recorte de como o processo de construção da identidade pode perpassar questões relacionadas à diáspora, ao hibridismo e à dominação colonial. O

²⁰ “‘Você não mora aqui,’ sua mãe responde. ‘Você não sabe.’” (NUNEZ, 2009, p. 20. Tradução minha.)

²¹ “As palavras de sua mãe arderam em seu âmago. Ela pode não morar aqui, mas suas raízes estão aqui. Ela nasceu aqui; ela passou os primeiros dezoito anos de sua vida aqui; este é seu país também. Ela quer dizer tudo isto, mas sua mãe não parecia bem.” (NUNEZ, 2009, p. 20. Tradução minha.)

²² “Anna olhou nos olhos das mães imigrantes das crianças americanas e viu lá a incompreensão. (...) Carne de sua carne, contudo, um abismo abre-se entre estas mães e seus filhos. Nascidas nos Estados Unidos, as crianças pertencem aos Estados Unidos. Os corações e as almas das mães foram forjados em outras terras.” (NUNEZ, 2009, p. 242. Tradução minha.)

romance de Elizabeth Nunez proporciona ainda uma importante oportunidade de reflexão sobre o habitar uma sociedade diferente e seus possíveis efeitos nos relacionamentos familiares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi K. *The location of culture*. New York: Routledge, 1994.

BRAH, Avtar. *Cartographies of diaspora: contesting identities*. London: Routledge, 1996.

CLIFFORD, James. "Diasporas". In: _____. *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge: Harvard University Press, 1997, p. 244-277.

HALL, Stuart. "New ethnicities". In: ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. (Eds.). *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 1997a, p. 223-227.

_____. "Cultural identity and diaspora". In: MONGIA, Padmini (Ed.). *Contemporary Postcolonial Theory: a reader*. Arnold: London, 1997b, p. 110-121.

_____. "The question of cultural identity". In: _____ et al (Eds.). *Modernity: an introduction to modern societies*. Malden: Blackwell Publishing, 2005, p. 595-634.

_____. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Organização: Liv Sovik. Tradução: Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

NUNEZ, Elizabeth. *Anna in-between*. Nova York: Akashic Books, 2009.